
As placas de xisto gravadas da gruta artificial S. Paulo 2 (Almada)

VICTOR S. GONÇALVES¹
MARCO ANDRADE²
ANDRÉ PEREIRA³

R E S U M O A Gruta artificial S. Paulo 2 é um monumento escavado no calcário brando da margem esquerda do Tejo, integrado numa necrópole de que se conhecem apenas dois monumentos. Mas a pressão urbana pode ser responsável pela desaparecimento de outros, tal como o foi pela descoberta ocasional de estes. O conjunto dos materiais, de onde sobressai uma notável colecção de artefactos votivos de calcário, está presentemente em estudo. O Projecto «PLACA NOSTRA» procede agora à publicação integral das cinco placas de xisto gravadas recolhidas no monumento, descrevendo as suas características mais relevantes e fazendo alguns comentários sobre o seu enquadramento em termos de cronologia absoluta e integração cultural.

A B S T R A C T The artificial cave S. Paulo 2 is one of the monuments of a necropolis in the left bank of the Tagus river, in the actual city of Almada, just in front of Lisbon. A very important sum of items has been found there, namely an extraordinary series of votive artefacts made of limestone. The «PLACA NOSTRA» team presents, for the first time, the five schist engraved plaques discovered in the monument 2 and make some comments on its meaning.

Agradecimento

A equipa do Projecto «PLACA NOSTRA» agradece as facilidades concedidas pelo Dr. Luís de Barros (Câmara Municipal de Almada), primeiro responsável pela escavação da gruta artificial S. Paulo 2, que, ao conhecer o Projecto, nos sugeriu a publicação das placas de xisto gravadas que recolheu durante a intervenção de emergência que levou a efeito naquele monumento. Não apenas nos facultou directamente as placas, que nos foi possível assim fotografar e desenhar directamente na UNIARQ, como nos autorizou a utilizar os dados inéditos constantes do seu *Relatório de Seminário*, apresentado no âmbito da Licenciatura em História, Variante de Arqueologia, datado de 1994, e que completam o artigo que publicou no vol. 11-12 da *Setúbal Arqueológica*.

1. A gruta artificial S. Paulo 2

A gruta artificial de São Paulo 2 foi identificada em Dezembro de 1988 pelo Núcleo de Arqueologia e História do Museu Municipal de Almada, durante o acompanhamento arqueológico das obras no adro da Igreja de São Paulo – acompanhamento este motivado pela existência de um cemitério que terá funcionado entre os séculos XVI e XIX no espaço do antigo Convento Dominicano de São Paulo.

A Gruta 2 encontrava-se a cerca de 30 metros de uma outra, identificada em 1978 já em avançado estado de destruição, tendo sido então escavada por Carlos Tavares da Silva. Teríamos, assim, provavelmente, uma necrópole de grutas artificiais, à semelhança do que se conhece para outros complexos do mesmo género nas Penínsulas de Lisboa e Setúbal (Gonçalves, 2003b).

Assuas coordenadas UTM são (folhan.º 431 da Carta Militar de Portugal, 1:25 000, ed. 1993):

X (m): 485975
Y (p): 4281650
Z (alt): 84,5 m

Ou, em coordenadas geográficas, *datum* de Lisboa:

Longitude (W): 09º09'41".010
Latitude (N): 38º40'47".523

A gruta foi escavada em calcários margosos e argilosos do Helveciano inferior, no alto da arriba miocénica de Almada (Zbyszewski, 1963, p. 35-38). Apresentava planta irregular, tendendo para o elíptico, com uma orientação ESE, segundo o eixo do Corredor, sensivelmente a 150 graus (medidos a partir do desenho, num ponto central da transição Corredor/Câmara).

A Câmara media 7,5 m de diâmetro longitudinal e 7 m de diâmetro transversal.

O Corredor tinha 2 m conservados de um total indeterminável, e uma largura máxima de 2,5 m.

Esta irregularidade, segundo Barros, 1997, é atribuível a condicionalismos geológicos, uma vez que os calcários em que foi escavada são também constituídos por areias, o que produz contornos menos regulares que em situações geológicas mais consolidadas.

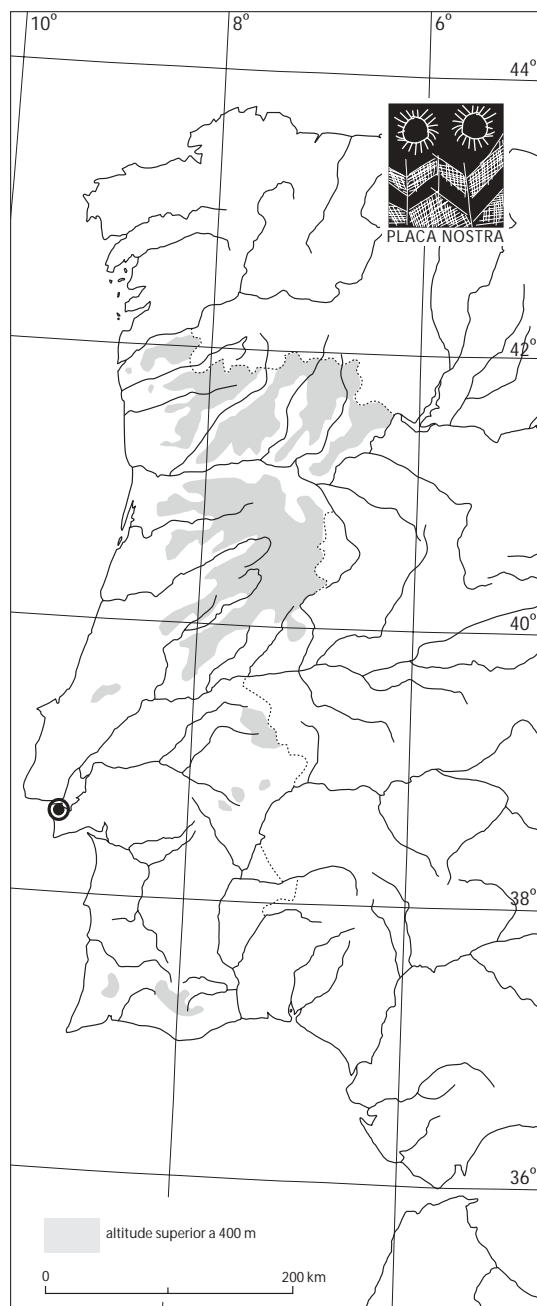


Fig. 1 Localização da Gruta artificial S. Paulo 2 na fachada atlântica da Península Ibérica.

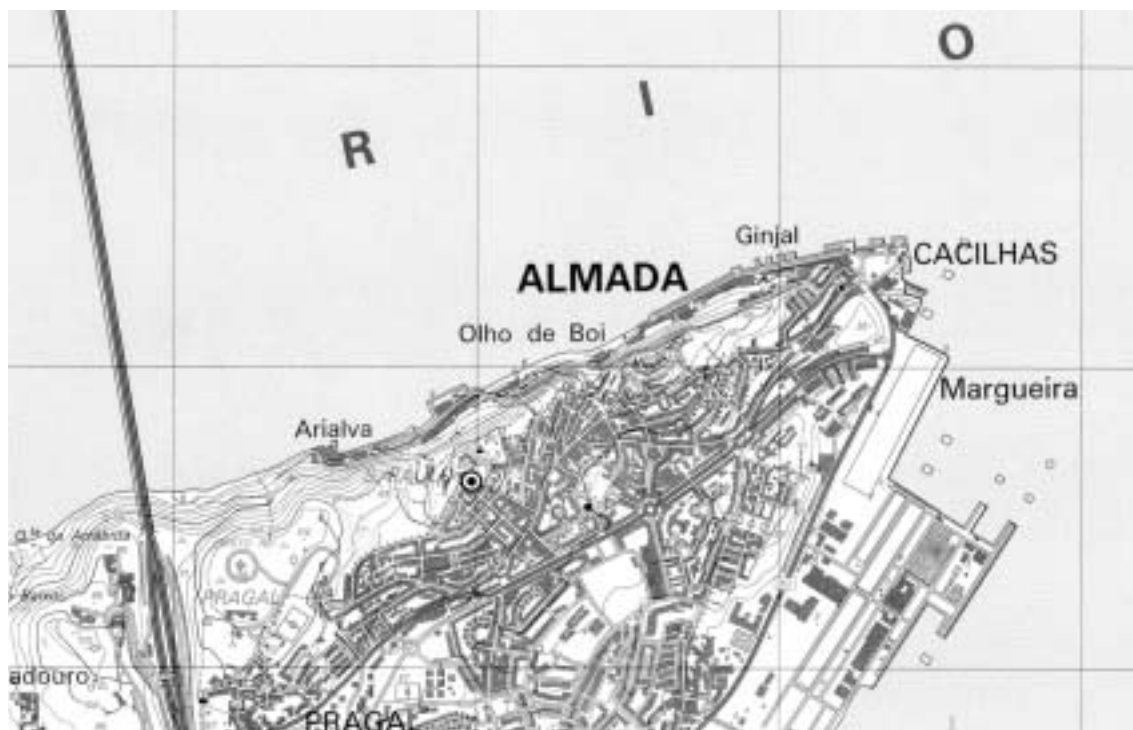


Fig. 2 Localização da Gruta artificial S. Paulo 2 na Carta Militar de Portugal 1:25 000, folha 431 (1993).

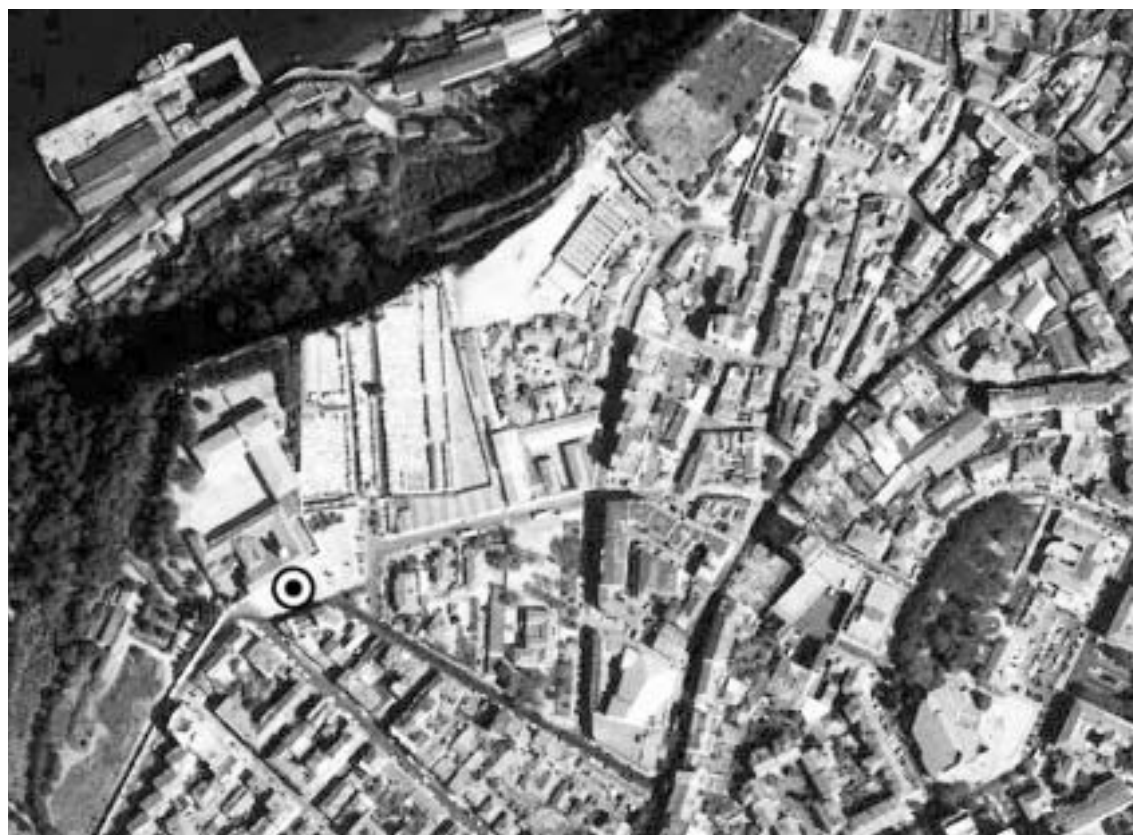


Fig. 3 Ortofotografia digital da área onde se implantou a Gruta artificial S. Paulo 2 (Centro Nacional de Informação Geográfica).

Às deposições presumivelmente originais, somaram-se outras durante todo o III milénio a.n.e. Posteriormente, houve utilizações daquele espaço, não necessariamente funerárias, durante a Idade do Ferro, a ocupação romana e, mesmo, durante a época moderna. Para o acentuado revolvimento do seu interior, muito contribuiu, aliás, a sua situação na actual área urbana de Almada.

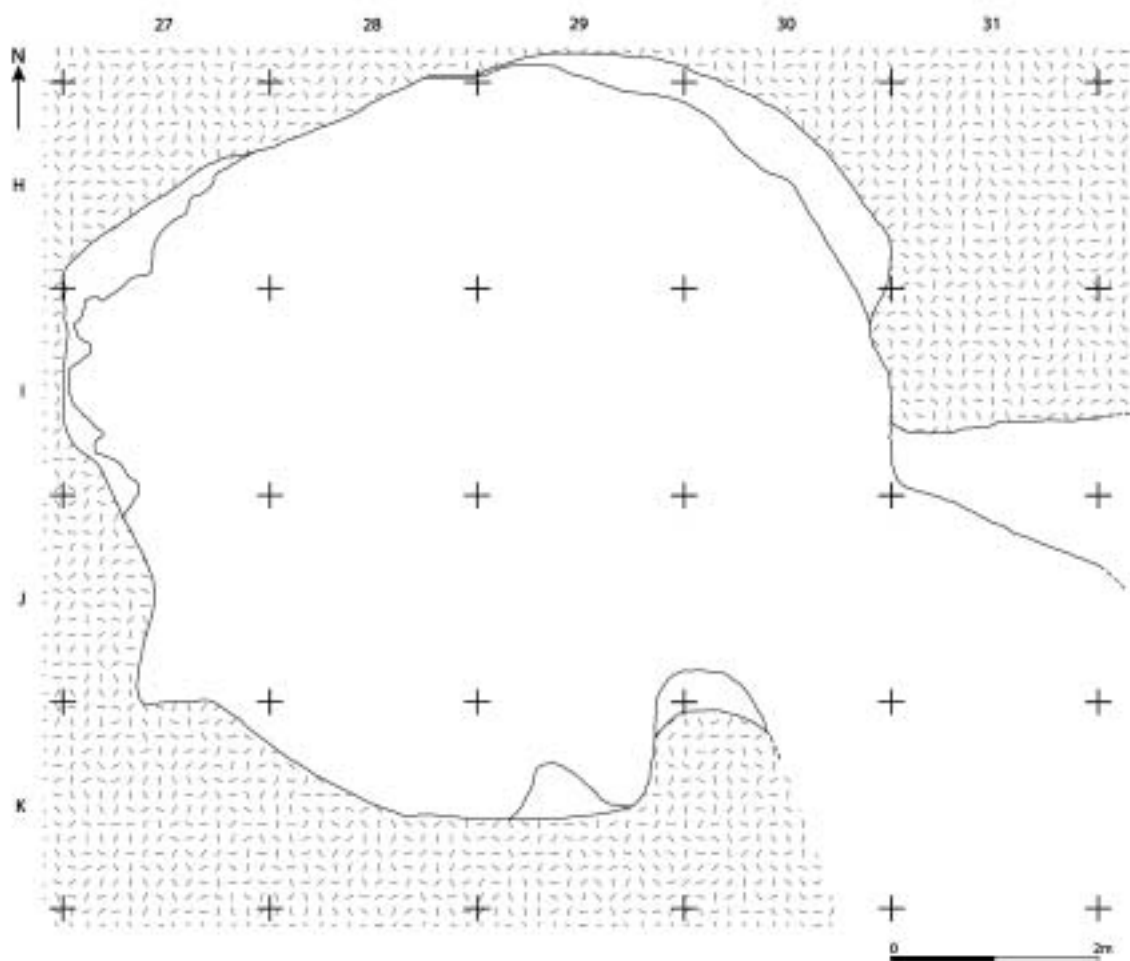


Fig. 4 Planta da gruta artificial S. Paulo 2, segundo Barros, 1994, redenhada.

A ocupação sidérica pontual foi identificada pela presença de fogueiras estruturadas, associadas a fragmentos de ânforas pintadas com bandas paralelas, cerâmicas cinzentas (taças) e cerâmicas de verniz vermelho (pratos), bem como por restos alimentares (fauna malacológica e ictiológica em número abundante). A acção destes «campistas» da Idade do Ferro perturbou seriamente as deposições funerárias neolíticas e calcolíticas, em certas áreas até ao nível de base.

Registaram-se, também, escassos vestígios de ocupação romano-republicana, com fragmentos de ânforas e cerâmicas campanienses misturados com blocos desagregados provenientes do abatimento do tecto da gruta.

Em época moderna e contemporânea, o funcionamento do já referido cemitério do antigo Convento de São Paulo implicou alterações na gruta, tendo mesmo alguns enterramentos invadido o seu espaço. A isto se junta a instalação de uma conduta de água, relacionada com o crescimento urbano da cidade.

A acção de roedores, escavando amplas galerias no interior da gruta, alterou de igual modo a posição dos artefactos, atentando mesmo contra a sua integridade física, facto evidenciado pelos traços de dentes afiados em placas e cerâmica.

Relativamente à primeira utilização da gruta enquanto espaço funerário, esta encontra, provavelmente, evidências directas no denominado «Enterramento A», caracterizado por um conjunto de ossos com alguma conexão anatómica, disposto no sentido Norte-Sul junto à parede Este da gruta, acompanhado por uma pequena taça carenada. Referiam-se a um subadulto com 7 a 8 anos de idade. Segundo informação de Luís de Barros, nenhuma placa de xisto gravada foi encontrada associada a esta deposição. Refira-se que este enterramento foi efectuado poucos centímetros acima da base da gruta, não tendo sido, naquela área, recolhido qualquer tipo de artefacto em nível inferior.

Recolheram-se, igualmente, em níveis atribuíveis indistintamente ao Neolítico final e ao Calcolítico (inicial, pleno e final), os seguintes artefactos:

Pedra lascada: geométricos (trapézios e triângulos), pontas de seta (de base recta, côncava, triangular e pedunculadas), lâminas retocadas e não retocadas, lâminas ovóides, furadores, núcleos de lamelas em quartzo hialino;

Pedra polida: machados de secção circular, enxós, goiva;

Cerâmica: taças carenadas, taças em calote, vaso almagrado, copos lisos e canelados, taças caneladas, pratos, um dos quais com decoração brunida no interior (motivo solar?), vaso zoomórfico (suídeo?), «vasos lucerna» cerâmica campaniforme (dos estilos pontilhado e inciso, aplicados em vasos acampanados, taças em calote, taças tipo Palmela, çaçoilas);

Adorno: contas discóides (de xisto, pedra verde e concha), contas bitroncocónicas (de azevi-che e cerâmica), contas tubulares (de pedra verde), «búzios» perfurados, pendentés de marfim e pedra verde, «ídolos de gola» (2), dente de canídeo perfurado, figura zoomórfica de osso (lagomorfo), botões de osso com perfuração em V e com formas de «tartaruga» e «carrinho de linhas», alfinete de cabelo;

Sagrado: placas de xisto gravadas (5, sendo uma reaproveitada como placa-pingente), placas de grés lisas, trapezoidais (3) betilos paralelipipédicos de calcário (6), betilos cilíndricos de calcário e calcite (17, alguns com representação de tatuagens faciais e olhos), betilos cilíndricos de calcário (5), betilo troncocónico de calcite (ídolo fálico?), betilo de calcário com gola, placa rectangular de calcário;

Ossos polidos: Copos lisos e decorados;

Metalurgia: punção de cobre, punhal de cobre, anzol de cobre, conta de lâmina de ouro enrolada.

Apesar dos revolvimentos, podemos identificar aqui, numa perspectiva geral, três conjuntos básicos: Neolítico final, Calcolítico inicial/pleno, Calcolítico final (tendo-se recolhido, residualmente, cerâmicas morfologicamente atribuíveis à Idade do Bronze inicial).

Os estudos antropológicos conduzidos por Ana Maria Silva (2002) evidenciaram um número mínimo de indivíduos de 254, não sendo claro se todos correspondem ao III milénio, apesar da autora referir especificamente tratar-se do «...hipogeu português que, até ao momento, revelou maior número de inumações.» (Silva, 2002, p. 116). A mesma autora refere ainda a proporção de adultos — subadultos como sendo de cerca de 50%.

Entre as patologias orais, foi observado o desgaste dentário, médio, e a ocorrência de cáries, 3% em maxilares superiores e 3,5% em mandíbulas.

Patologias infecciosas incluem casos de periostite em ossos do tronco e tórax.

As patologias traumáticas referem-se a casos de cicatrização de fracturas nos ossos e três trepanações, uma por raspagem, num indivíduo masculino adulto jovem.

As patologias degenerativas traduzem uma elevada incidência de artroses e lesões degenerativas na coluna, atribuíveis a um excesso de transporte de objectos pesados apoiados na cabeça.

As doenças congénitas incluem a fusão dos ossos do tarso e a fusão calcâneo – navicular.

A cronologia absoluta (Silva, 2002, republicada em Gonçalves, 2003a) traduziu-se em duas datações com intervalos de tempo infelizmente largamente excessivos:

Monumento/sítio	Tipologia	Referência	Natureza da amostra	BP	cal BC 1σ	cal BC 2σ
S. Paulo 2	Gruta artificial	UBAR -629	Ossos humanos	3960±190	2845-2200	2905-1950
S. Paulo 2	Gruta artificial	UBAR -630	Ossos humanos	3870±70	2456-2209	2553-2137

2. As placas de xisto gravadas da gruta artificial S. Paulo 2: descrição

MMA: Museu Municipal de Almada; SP II: S. Paulo 2, o segundo monumento da necrópole. Quando uma medida é assinalada com asterisco () indica-se que é aproximada, por fragmentação do plano de leitura, ainda que, nestes casos de S. Paulo 2, as diferenças presumidas entre o real e o mensurável sejam mínimas, de poucos milímetros.*

A propósito da terminologia adoptada sobre as placas de xisto gravadas, ver Gonçalves, 2003a, p. 154 e seguintes.

2.1. Placa de xisto reaproveitada MMA-6950 - SP II-514 (Figs. 5 e 11)

Placa de xisto reaproveitada de um original relativamente pequeno. A altura actual é de cerca de 5,64 cm e a largura no topo é de 3 cm. A face gravada está bastante apagada e apresenta na base uma fractura por escamamento a toda a largura. A perfuração cónica é elíptica no sentido longitudinal e a dimensão útil da perfuração de 0,46 cm. Espessura num ponto médio de 0,3 cm.

O reaproveitamento da placa foi feito de forma a conservar o alinhamento entre a perfuração e a linha guia central, mas fez-se irregularmente, sendo maior o lado esquerdo da placa em função do observador que o direito.

Considerado o estado de conservação da placa, não é fácil decidir se o motivo dominante são linhas zigzagueantes enquadradas por linhas guias verticais, mas a Cabeça triangular está bem definida e é prolongada na vertical por uma linha guia central ladeada por outras duas, uma ainda reconhecível na placa e outra apenas presumida.

2.2. Placa de xisto MMA-6882 - SP II-463 (Figs. 6, 12 e 16)

Placa de xisto gravada, tendo como motivo dominante três bandas de triângulos preenchidos com quadrícula com o vértice para cima. A altura da placa deveria ser muito ligeiramente superior a 14 cm, tendo sido o topo afectado por fenómenos pós-deposicionais. A altura da área referente à Cabeça é de 4,55 cm, portanto cerca de um terço da altura total. A largura da Cabeça na base da faixa que serve de Separador, mas que é idêntica ao preenchimento lateral da Cabeça, é de 6,3 cm.

As três bandas de triângulos têm uma altura média, de cima para baixo, de 3,21 cm, 3,32 cm e 2,59 cm.

A espessura num ponto médio é de 0,88 cm.

A placa encontra-se actualmente colada, a partir dos vários fragmentos que praticamente a reconstituem por inteiro.

A única perfuração no topo, cónica, tem um diâmetro interno útil de 0,6 cm.

Os triângulos de leitura útil, integralmente representados nas bandas, são três para a B1 e um remate de banda com outro bastante incompleto, três para a B2 que se inicia da mesma maneira que a última termina, e quatro muito destruídos na B3, sendo observável à esquerda de T1 um traço correspondendo ao que poderia ser um início de banda semelhante a B2, eventualmente eliminado por um posterior repolimento desta área da placa.

2.3. Placa de xisto MMA-5210 - SP II-166 (Figs. 7, 13 e 17)

Placa de xisto gravada, de forma geral piriforme, tendo como motivo dominante três bandas de triângulos no que poderia ser uma fórmula

B1: IB+2T+FB;

B2: IB+2T+FB;

B3: IB+3T+FB.

No entanto, os triângulos de B1 e B2, devido à largura das respectivas bandas permitem que os IB e FB respectivos sejam praticamente triângulos integrais, o que não acontece em B3, em que o IB e FB são consideravelmente mais pequenos.

A altura total da placa é de 12,6 cm, a largura na base é de 8,68 cm e no topo, medido nos pontos de inflexão, 3,83 cm. Num ponto central, a altura da Cabeça e de 3,32 cm, cerca de um quarto da altura total da placa.

O traçado da divisória unilinear da Cabeça e do Corpo é curvilíneo descendente da esquerda para a direita do observador, côncavo no caso do topo de B2 e quase recto na sua base.

Placa bem gravada com traços bem definidos.

Uma única perfuração cónica com o diâmetro útil, lido no verso da placa, de 0,42 cm, contra o diâmetro «inútil» da face de 0,73 cm.

2.4. Placa de xisto MMA-4957 - SP II-23 (Figs. 8, 10, 14, 18 e 19)

Placa de xisto gravada com a altura de 15 cm, largura na base de 10,3 cm, e no topo, de 7,8* cm. Duas perfurações, da esquerda para a direita, ambas com o diâmetro útil de 0,33 cm. Espessura num ponto médio de 1,25 cm.

Como motivo único do Corpo, temos faixas zigzagueantes preenchidas por oblíquas intersecantes, compartimentadas por três linhas guia verticais. As faixas completas ou quase são quatro, tendo sido feito arranjos para conservar a concepção simétrica do conjunto: no topo, dois segmentos de faixa articulam-se com a primeira e a terceira linha guia; na base, há pequenos segmentos de faixa a cada canto e um pico que converge tendo como eixo a segunda linha guia, a central.

A Cabeça desta placa apresenta particularidades muito curiosas:

1. a delimitação Cabeça - Corpo, constituída por uma das quatro faixas ligeiramente oblíquas que integram a composição simétrica da Cabeça, é ultrapassada pelo vértice da «Cabeça dentro da cabeça», o conhecido triângulo ou trapézio central;
2. o traçado do referido triângulo é delimitado por uma faixa (e não por um simples traço), também preenchido por oblíquas intersecantes;
3. o topo disponível em cada um dos espaços laterais superiores à primeira de cada uma das séries de faixas ligeiramente oblíquas é preenchido com um triângulo com o vértice para baixo, cuja paginação de enquadramento é exactamente a mesma da placa da Anta do Tapadão da Relva (Oliveira, 1997, p. 480, Gonçalves, 2003a, p. 267, Fig. 105:2), mas diferente a forma de preencher o campo. No caso do Tapadão da Relva, são preenchidos os dois triângulos extremos, no caso da placa de S. Paulo 2, preenchido o triângulo central.

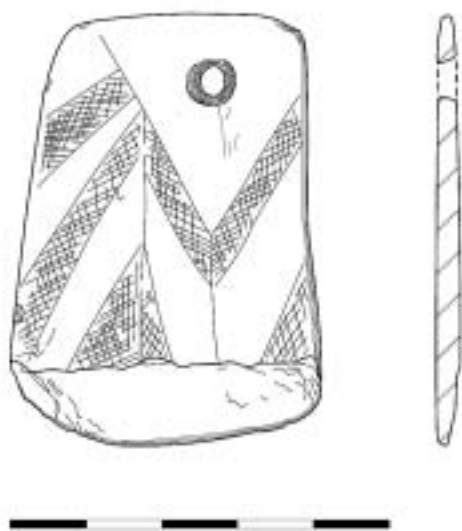
2.5. Placa de xisto MMA-4958 - SP II-24 (Figs. 9, 15, 20, 21 e 22)

Placa de xisto gravada com a altura de 16,3 cm, largura na base de 11 cm e no topo de 7* cm. Duas perfurações, da esquerda para a direita, ambas com o diâmetro útil de 0,6 cm. Espessura num ponto médio de 0,5 cm.

Como motivo único do Corpo, temos 4 bandas de triângulos preenchidos, com o vértice para cima, com as alturas respectivas, de cima para baixo, de 2,38, 3,1, 3,1 e 2,63 cm. O traçado das bandas não é rigorosamente horizontal, a não ser na última. Na primeira é ligeiramente oblíquo, subindo da esquerda para a direita, na segunda ligeiramente convexo e na terceira oblíquo descendo da esquerda para a direita.

O triângulo que marca a Cabeça desce até à linha divisória, sendo ladeado por quatro bandas preenchidas com oblíquas, e não com quadrícula, tal como as faixas triangulares do topo. Apesar das irregularidades do traçado das bandas, é, em termos gerais, uma placa bem equilibrada e bem gravada.

A altura da Cabeça, de 5,04 cm, é pouco menos de um terço da altura total.



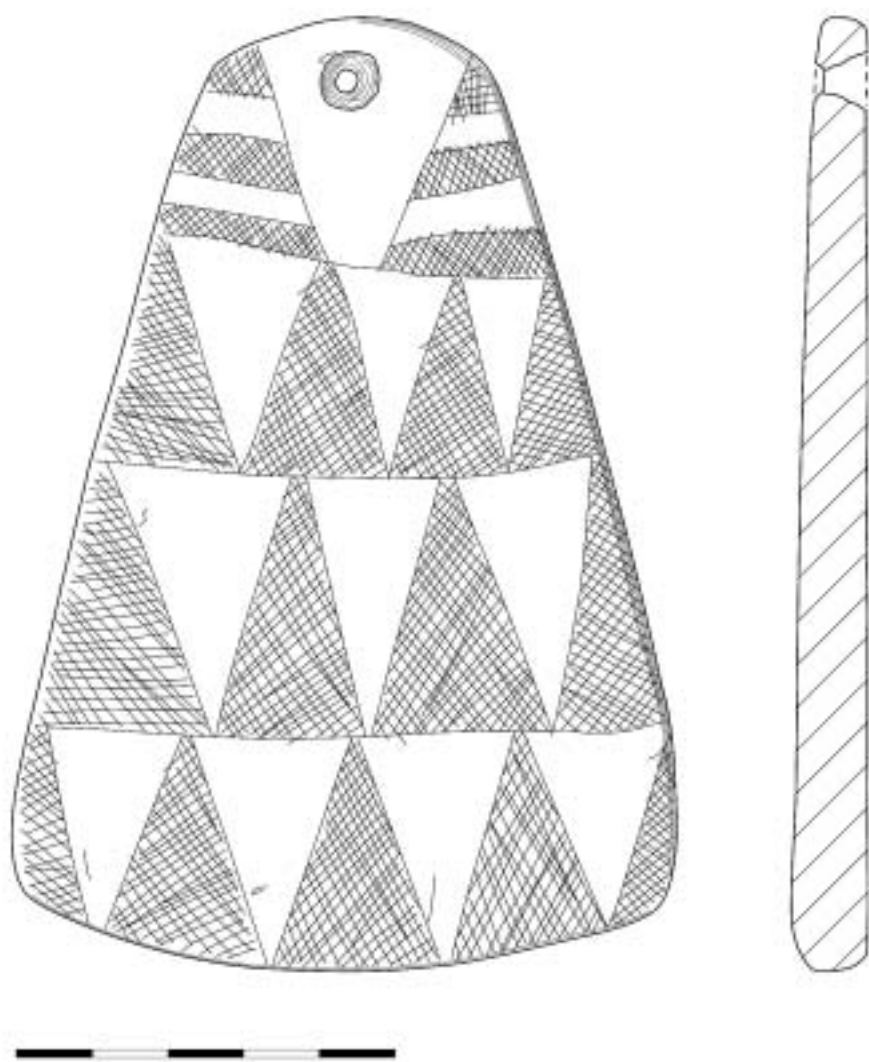
S. Paulo 2
MMA 6950
SP II 514

Fig. 5 Placa de xisto reaproveitada MMA-6950 - SP II-514.



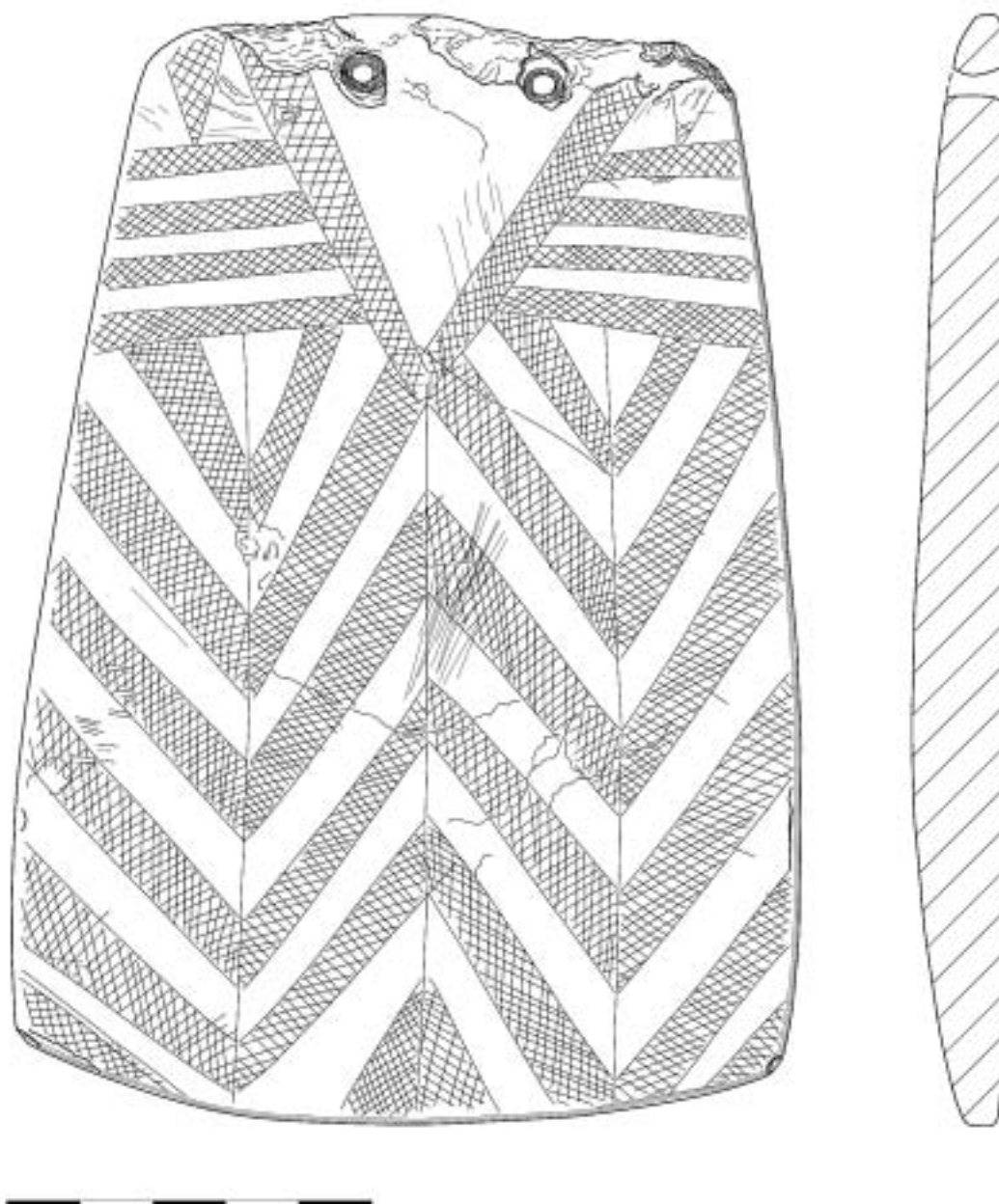
S. Paulo 2
MMA 6882
SP II 463

Fig. 6 Placa de xisto MMA-6882 - SP II-463.



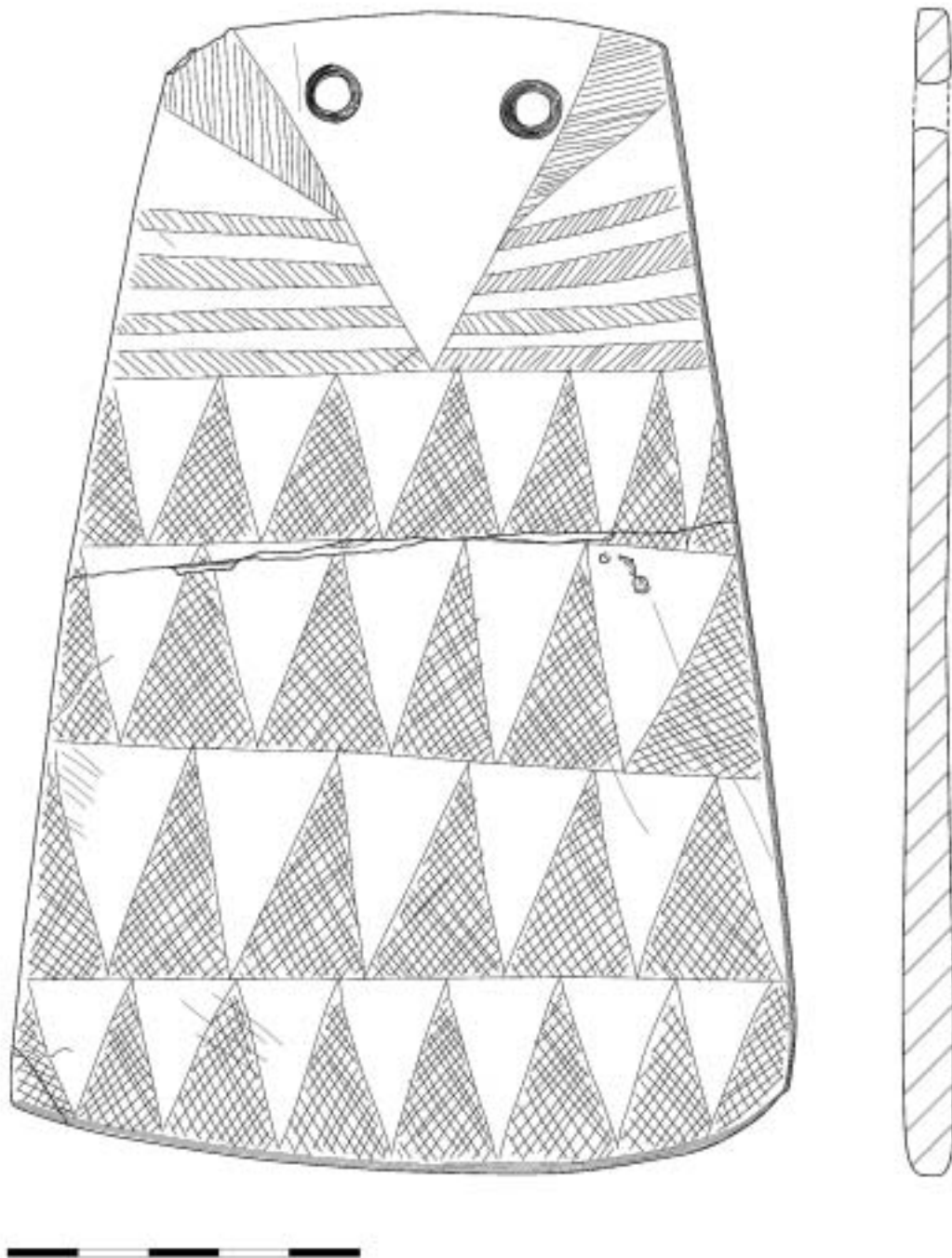
S. Paulo 2
MMA 5210
SP II 166

Fig. 7 Placa de xisto MMA-5210 - SP II-166.



S. Paulo 2
MMA 5210
SP II 166

Fig. 8 Placa de xisto MMA-4957 - SP II-23.



S. Paulo 2
MMA 4958
SP II 24

Fig. 9 Placa de xisto MMA-4958 - SP II-24.

3. Comentário final

Em outros monumentos e sítios das penínsulas de Lisboa e Setúbal foram recolhidas placas. Recordam-se apenas alguns, referentes a *tholoi* e a grutas artificiais, estando presentemente em elaboração o quadro completo, de acordo com a Fase 3 do Projecto «PLACA NOSTRA».

Na Península de Lisboa, e para além da peculiar anta Cabeço da Arruda 1 (Torres Vedras), com 11 placas de xisto, 1 lisa com falsos olhos (Ferreira e Trindade, 1956; Trindade e Ferreira, 1956; Leisner, 1965, Taf. 6), temos o *tholos* da Praia das Maças, átrio e *Tumulus* (Sintra), com fragmentos de placas de xisto do átrio e 1 placa de xisto lisa com falso olhos do *Tumulus* (Gonçalves, 1982-83).

Monumentos híbridos como Folha das Barradas (Sintra), que poderia corresponder a um suporte inferior escavado na rocha, coberto por uma estrutura mista, como acontece com alguns monumentos da Pijotilla (Tumbas 1 e 3), ver Hurtado Pérez, Fernández de Quincoces e Pecero Espín, 2000, revelou 1 placa de xisto (Leisner, 1965, Taf. 34).

Na gruta artificial designada por «Câmara ocidental» do *tholos* da Praia das Maças (Sintra), identificaram-se 12 placas de xisto e 4 fragmentos; mais 5 fragmentos da Colecção Caetano de Oliveira, um deles com Olhos de Sol (Leisner, 1965, Taf. 39 e 42; Leisner, Zbyszewski e Ferreira, 1969).

Na necrópole de grutas artificiais de Carenque (Amadora), recolheram-se 8 placas de xisto, sem especificação de gruta (Heleno, 1933). Em Alapraia 2 (Cascais), 2 placas de xisto, uma com olhos de sol, na variante incompleta, outra com falsos olhos (Jalhay e Paço, 1941; Paço, 1955; Leisner, 1965, Taf. 71; Gonçalves, 2003b, p. 130-131).

Da Península de Setúbal, conheciam-se os exemplares provenientes da necrópole de Grutas artificiais do Casal do Pardo (Quinta do Anjo, Palmela): Casal do Pardo 1, 1 placa de xisto lisa e 1 fragmento (Leisner, Zbyszewski e Ferreira, 1961; Leisner, 1965, Taf. 96; Soares, 2003); Casal do Pardo 2, 2 fragmentos de placas de xisto, um deles por metade (Leisner, Zbyszewski e Ferreira, 1961; Leisner, 1965, Taf. 96 e 98; Soares, 2003); Casal do Pardo 3, 4 placas de xisto, estando 1 inteira (Leisner, Zbyszewski e Ferreira, 1961; Leisner, 1965, Taf. 102; Soares, 2003); Casal do Pardo 4, número > 1 placa de xisto (Leisner, Zbyszewski e Ferreira, 1961; Leisner, 1965, Taf. 108; Soares, 2003); Casal do Pardo, sem proveniência de gruta, 10 placas de xisto, 1 fragmento e 1 reaproveitada como placa-pingente (Leisner, Zbyszewski e Ferreira, 1961; Leisner, 1965, Taf. 111; Pereira e Bubner, 1974-77; Soares, 2003).

Para além dos monumentos que referimos, existem ainda placas em grutas naturais (Furninha, Cova da Moura, Casa da Moura, Cova das Lapas, Gruta da Marmota, Poço Velho...), antas e monumentos afins (Casaínhos, Conchadas...).

O aparecimento de este pequeno conjunto na gruta artificial S. Paulo 2 não surpreende, mas não era indispensável a sua presença: nas duas grutas de S. Pedro do Estoril não se recolheu nenhuma e mesmo em Alapraia elas estão presentes apenas em uma delas.

Na Península de Setúbal, as comparações mais interessantes vão, naturalmente, para o Casal do Pardo, mas também para necrópoles em grutas naturais, como a Lapa do Fumo e a Lapa do Bugio.

O enquadramento em termos de cronologia absoluta das cinco placas de S. Paulo 2 é muito problemático, uma vez que nenhuma delas estava conectada a enterramentos datáveis. As duas datações obtidas têm também intervalos de tempo muito amplos, 2905-1950, uma, e 2553-2137, outra, em ambos casos cal BC a dois sigmas.

Pelo que sabemos hoje, mais facilmente nos inclinariamos para o primeiro intervalo de tempo (que, de tão grande, inclui, aliás, o segundo...), mas pelo facto de existir a convicção de que as placas já não estão em uso na segunda metade do terceiro milénio, em anos de calendário.

O conjunto das placas de xisto gravadas de S. Paulo 2 vem assim confirmar o que já sabíamos, a existência de contactos entre o Alentejo do megalitismo ortostático e comunidades que usavam como sepulcros as grutas artificiais das penínsulas de Lisboa e Setúbal, sem necessariamente terem sido os seus construtores.

Lisboa, Primavera de 2004

NOTAS

- ¹ Director da UNIARQ (Centro de Arqueologia da Universidade de Lisboa). Projecto «PLACA NOSTRA». vsg@fl.ul.pt.
- ² Colaborador da UNIARQ. Projecto «PLACA NOSTRA».
- ³ Colaborador da UNIARQ. Projecto «PLACA NOSTRA».

BIBLIOGRAFIA

- BARROS, L. (1994) - *Os artefactos votivos de calcário da gruta artificial de S. Paulo (Almada)*. Trabalho apresentado como Relatório final do *Seminário de Arqueologia*. Lisboa: Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, Departamento de História. Policopiado.
- BARROS, L.; ESPÍRITO SANTO, P. (1997) - Gruta artificial de S. Paulo. *Setúbal Arqueológica*. Setúbal. 11/12, p. 217-220.
- CARDOSO, J. L. (1992) - A Lapa do Bugio. *Setúbal Arqueológica*. Setúbal. 9-10, p. 89-225.
- FERREIRA, O. V.; TRINDADE, L. (1956) - La necrópole de Cabeça da Arruda (Torres Vedras). In *Congreso Internacional de Ciencias Prehistóricas e Protohistóricas, Actas de la IV Sesión*. Zaragoza, p. 503-520.
- GONÇALVES, J. L. M. (1982-83) - Monumento pré-histórico da Praia das Maças (Sintra), notícia preliminar. *Sintria*. Sintra. 1-2, p. 29-58.
- GONÇALVES, V. S. (1970) - Sobre o Neolítico na Península de Setúbal. In *Actas das I Jornadas da Associação dos Arqueólogos Portugueses*. Lisboa: Associação dos Arqueólogos Portugueses, p. 407-421.
- GONÇALVES, V. S. (1989) - Manifestações do sagrado na Pré-História do Ocidente Peninsular. 1. Deusa(s)-Mãe, placas de xisto e cronologias: uma nota preambular. *Almansor*. Montemor-o-Novo. 7, p. 289-302.
- GONÇALVES, V. S. (1993) - Manifestações do sagrado na Pré-História do Ocidente Peninsular. 3. A Deusa dos olhos de sol. Um primeiro olhar. *Revista da Faculdade de Letras de Lisboa*. Lisboa. 5.ª Série. 15, p. 41-47.
- GONÇALVES, V. S. (2003a) - *STAM-3, a anta 3 da Herdade de Santa Margarida* (Reguengos de Monsaraz). Lisboa: Instituto Português de Arqueologia.
- GONÇALVES, V. S. (2003b) - *Sítios, "Horizontes" e Artefactos*, estudos sobre o 3º milénio no Centro e Sul de Portugal. Cascais. Câmara Municipal. 2.ª edição revista e aumentada com dois novos ensaios.
- GONÇALVES, V. S. (2003c) - Manifestações do sagrado na Pré-História do Ocidente Peninsular. 4. A «síndrome das placas loucas». Lisboa. 6:1, p. 131-157.
- GONÇALVES, V. S. (2004a) - As Deusas da Noite: o Projecto «PLACA NOSTRA». *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Lisboa. 7:2, p. 49-72.
- GONÇALVES, V. S. (2004b) - O Projecto «PLACA NOSTRA». In CD-ROM editado pela Fundação Eugénio de Almeida. Évora.
- GONÇALVES, V. S. (2004c) - Manifestações do sagrado na Pré-História do Ocidente peninsular. 5. O explícito e o implícito. Breve dissertação, invocando os limites fluidos do figurativo, a propósito do significado das placas de xisto gravadas do terceiro milénio a.n.e. *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Lisboa. 7:1, p. 165-183.
- GONÇALVES, V. S. (no prelo) - Espaços construídos, símbolos e ritos da morte das antigas sociedades camponesas no Extremo Sul de Portugal. algumas reflexões sob a forma de sete qmf. *Mainake*. Málaga.
- GONÇALVES, V. S.; PEREIRA, A.; ANDRADE, M. (2004) - A propósito do reaproveitamento de algumas placas de xisto gravadas da região de Évora. *O Arqueólogo Português*. Lisboa. 4.ª Série. 21., p. 209-244.
- HELENO, M. (1933) - *Grutas artificiais do Tojal de Vila Chã (Carenque)*. Lisboa: Tipografia da Empresa do Anuário Comercial.
- HURTADO PÉREZ, V.; FERNÁNDEZ DE QUINCOCES, P. M.; PECERO ESPÍN, J. C. (2000) - Excavaciones en la Tumba 3 de la Pijotilla. *Extremadura Arqueológica*. Cáceres. 8, p. 249-266.
- JALHAY, E.; PAÇO, A. (1941) - A gruta II da necrópole de Alapraia. *Anais da Academia Portuguesa da História*. Lisboa. 4.
- LEISNER, G.; LEISNER, V. (1951), reeditado em 1985 - As Antas do Concelho de Reguengos de Monsaraz. Lisboa: IAC (UNIARQ/INIC).

- LEISNER, G.; LEISNER, V. (1959) - *Die Megalithgräber der Iberischen Halbinsel: Der Westen*. 1.2. Berlin: Walter de Gruyter.
- LEISNER, V. (1965) - *Die Megalithgräber der Iberischen Halbinsel: Der Westen*. 1.3. Berlin: Walter de Gruyter.
- LEISNER, V.; PAÇO, A.; RIBEIRO, L. (1964) - Grutas artificiais de S. Pedro do Estoril. Lisboa.
- LEISNER, V.; ZBYSZEWSKI, G.; FERREIRA, O. V. (1961) - *Les grottes artificielles de Casal do Pardo (Palmela) et la culture du vase campaniforme*. Lisboa: Serviços Geológicos de Portugal (Memórias 8, nova série).
- LEISNER, V.; ZBYSZEWSKI, G.; FERREIRA, O. V. (1969) - *Les monuments préhistoriques de Praia das Maças et de Casinhos*. Lisboa: Serviços Geológicos de Portugal (Memórias 16, nova série).
- OLIVEIRA, J. (1997) - Monumentos megalíticos da Bacia Hidrográfica do Rio Sever. Vol. 3. Universidade de Évora, policopiado.
- PAÇO, A. (1955) - Necrópole de Alapraia. *Anais da Academia Portuguesa de História*. Lisboa. Série 2. 6, p. 21-140.
- PEREIRA, M. A. H.; BUBNER, T. (1974-77) - Novos materiais de Palmela. *O Arqueólogo Português*. Lisboa. Série 2. 7-9, p. 113-124.
- SOARES, J. (2003) - Os hipogeus pré-históricos da Quinta do Anjo (Palmela) e as economias do Simbólico. Setúbal: MAEDS.
- TRINDADE, L.; FERREIRA, O. V. (1956) - A necrópole do Cabeço da Arruda (Torres Vedras). *Anais da Faculdade de Ciências do Porto*. Porto. 38:4, p. 195-212.
- ZBYSZEWSKI, G. (1963) - *Notícia explicativa da folha 4 [34D] da Carta Geológica dos arredores de Lisboa*. Lisboa: Serviços Geológicos de Portugal.

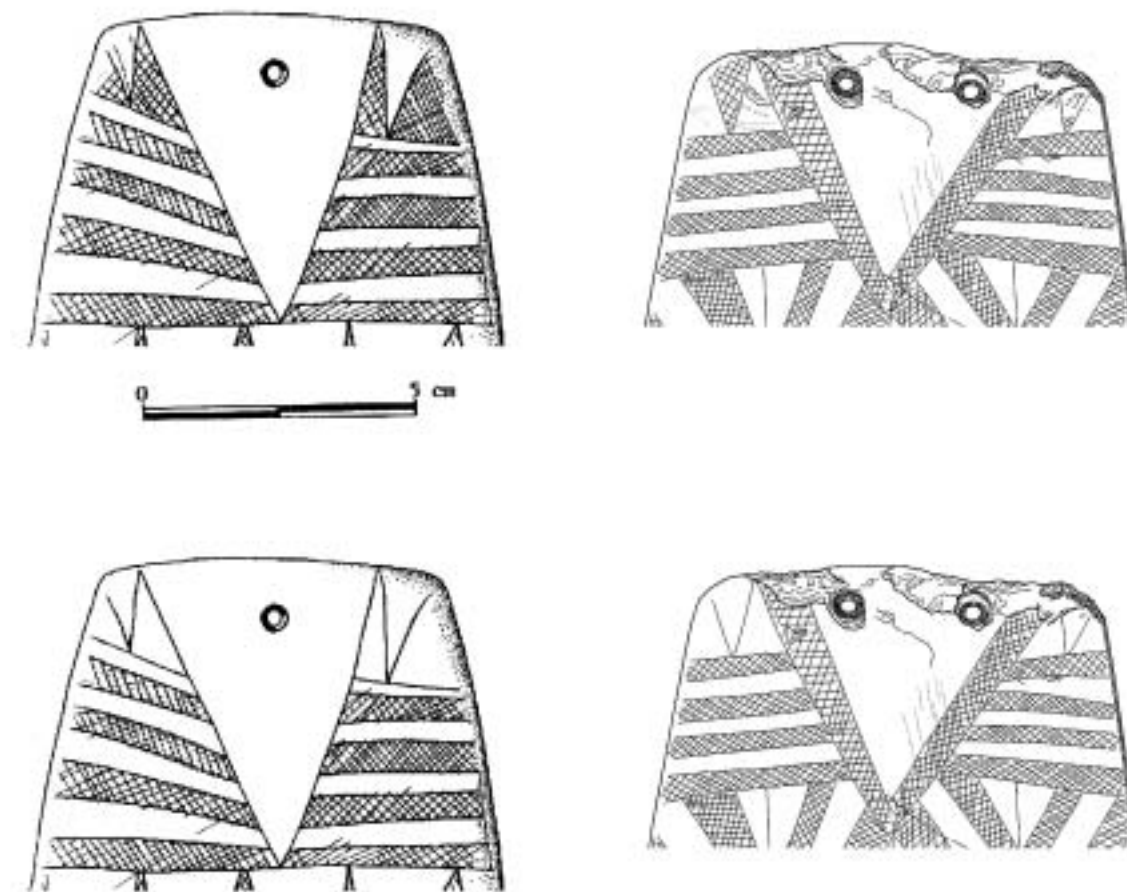


Fig. 10 Comparação entre a placa TR-52, proveniente da Anta do Tapadão da Relva, Castelo de Vide (coluna da esquerda) e da placa SP II-23. Ainda que o aspecto final das placas seja diferente, o mesmo conceito de paginação foi usado antes do preenchimento dos espaços laterais e topo. No caso de TR-52, preencheram-se os dois triângulos vazios de extremo e, no caso de SP II-23, o triângulo central, em ambos casos no topo de uma sequência de quatro faixas preenchidas. Para TR-52, ver Oliveira, 1997, vol. 3, p. 480 e Gonçalves, 2003a, fig. 105:2, p. 267.

Fig. 11 Placa reaproveitada SP II-514.



Fig. 12 Placa SP II-463.

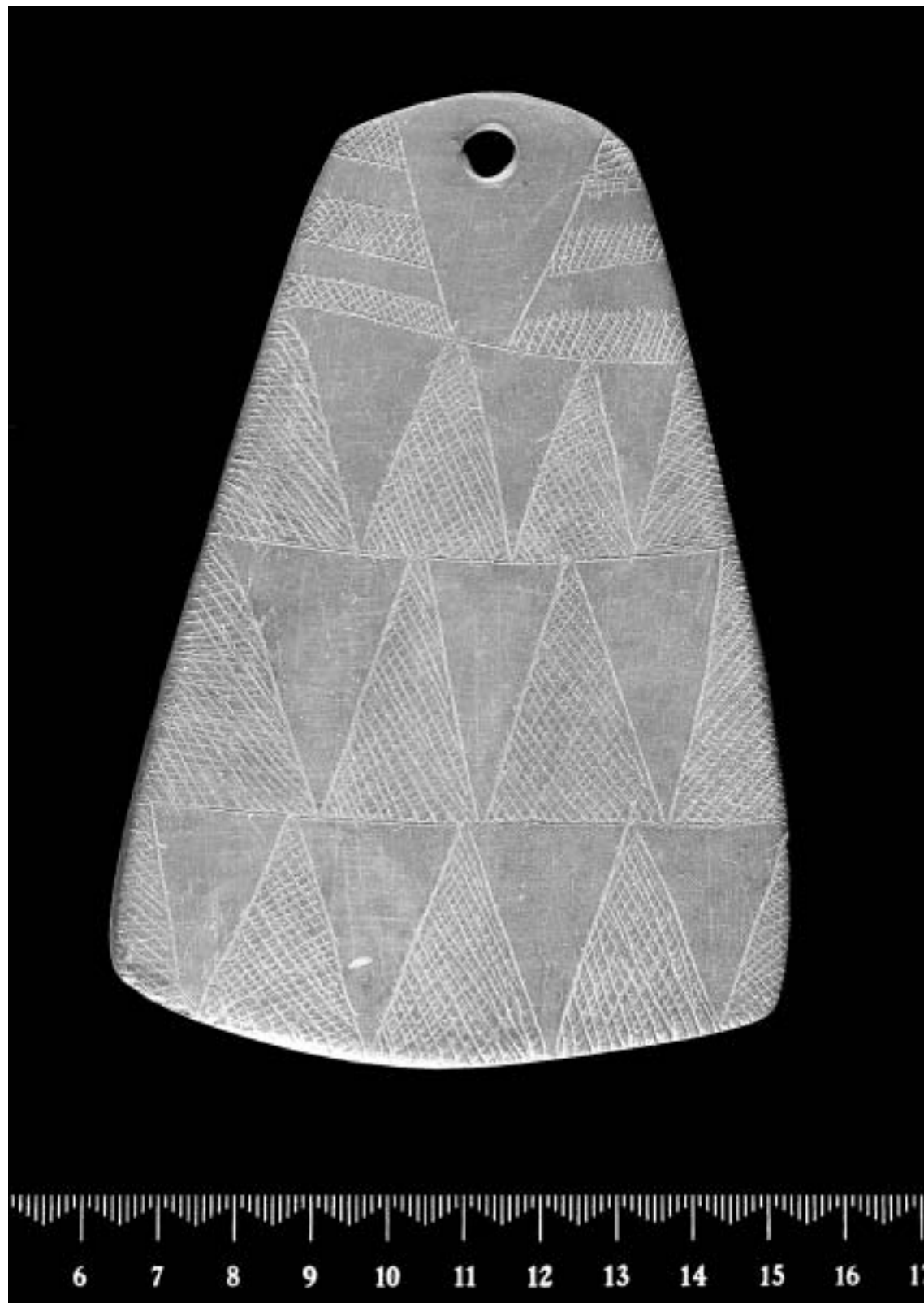


Fig. 13 Placa SP II-166.

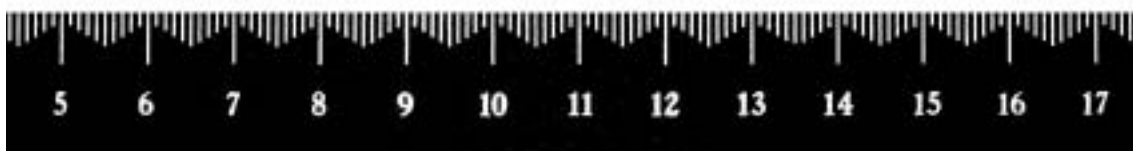


Fig. 14 Placa SP II-23, observando-se a perfeita concepção simétrica da composição.



Fig. 15 Placa SP II-24.

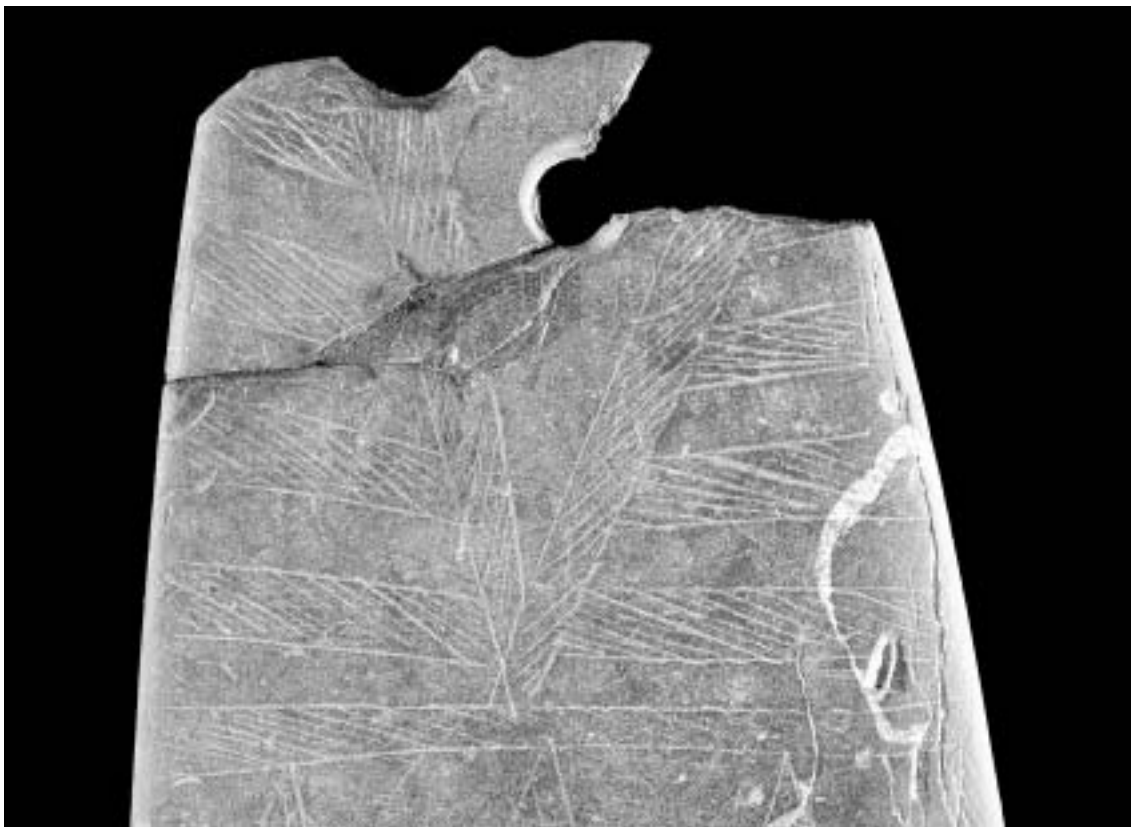


Fig. 16 Placa SP II-463, pormenor da Cabeça.

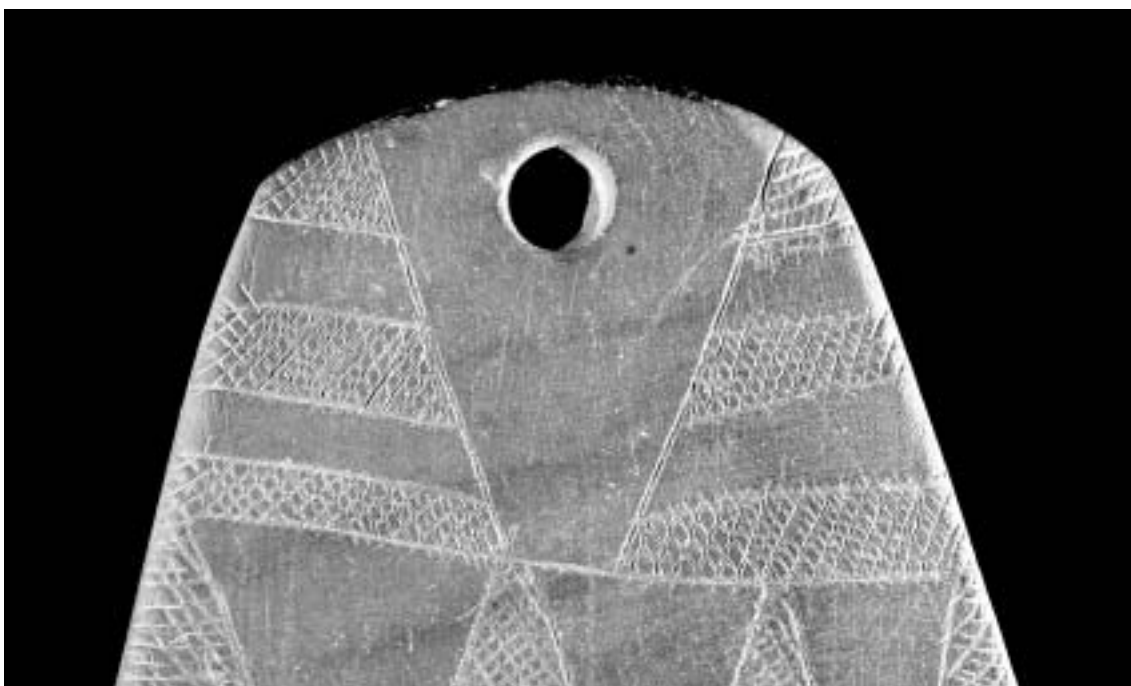
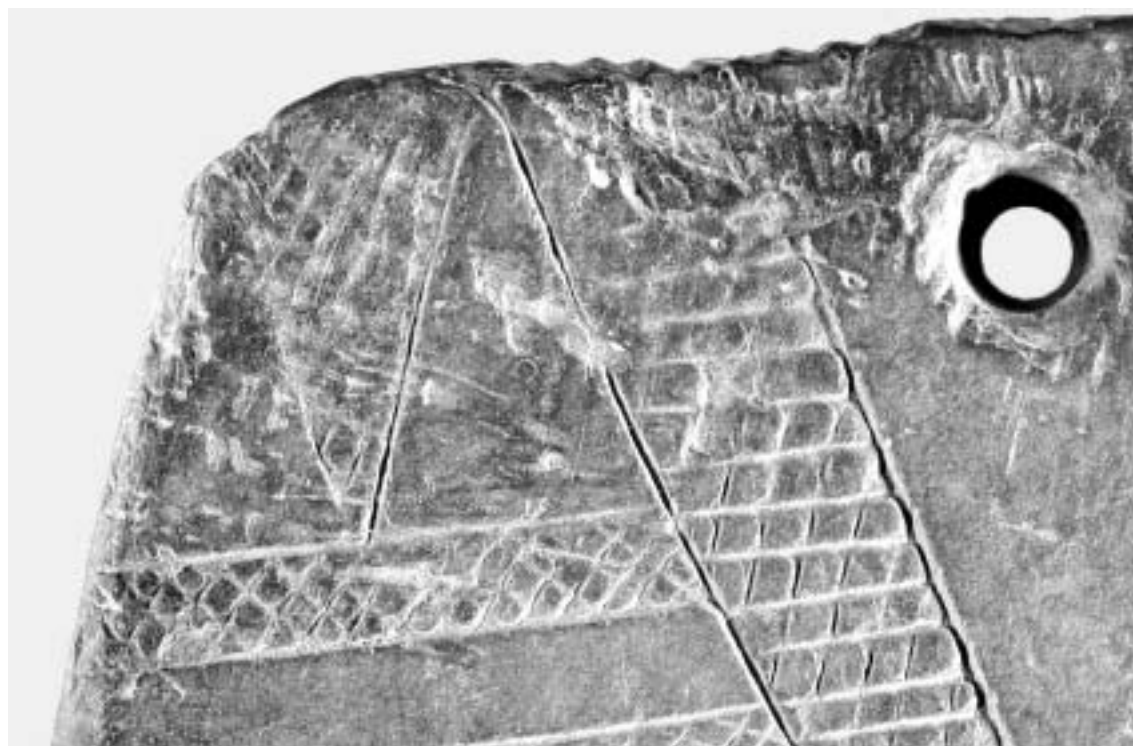


Fig. 17 Placa SP II-166, pormenor da Cabeça.



Figs. 18 e 19 Placa SP II-23, pormenores da Cabeça, observando-se particularmente a construção da face lateral esquerda (a melhor conservada).

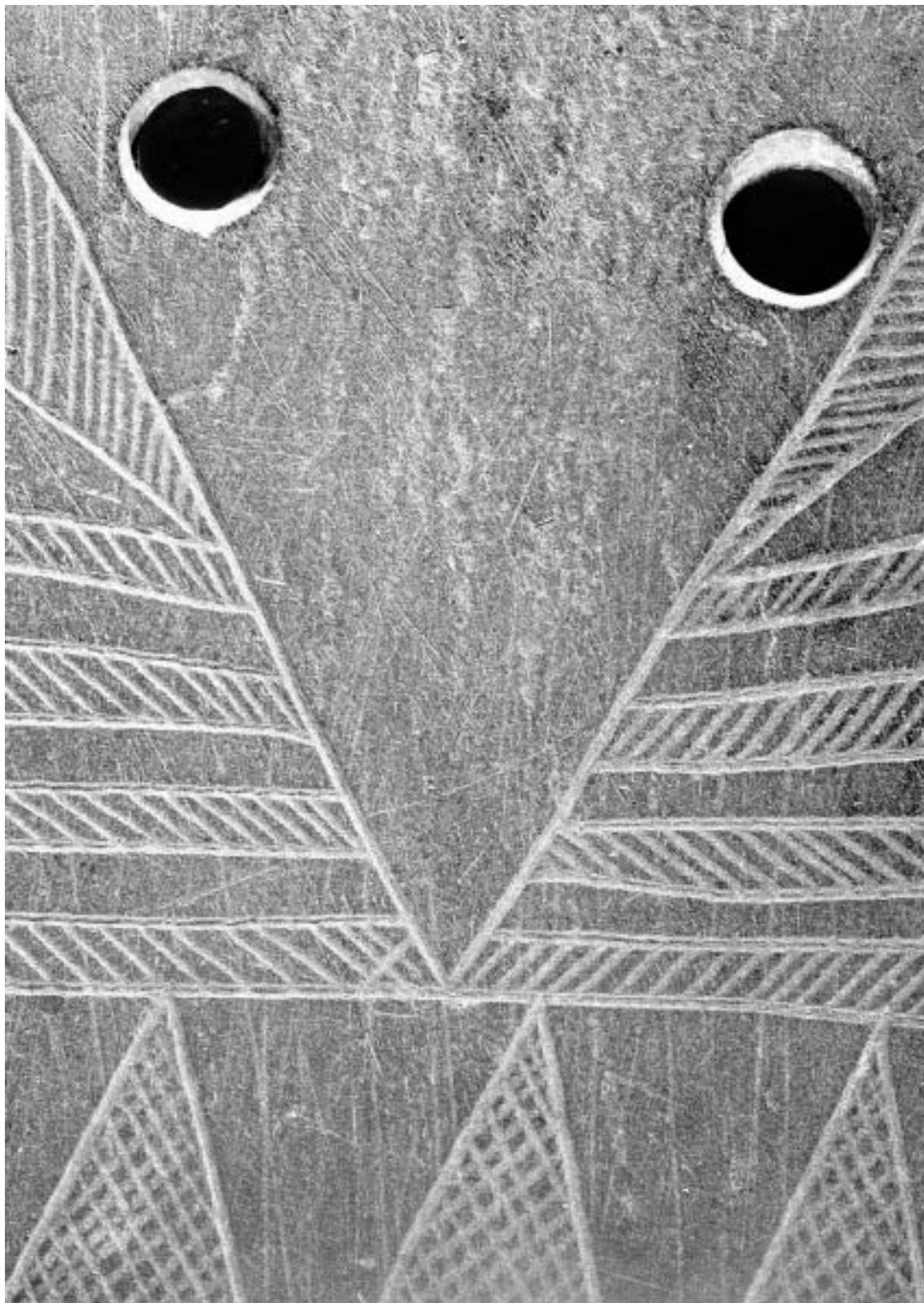
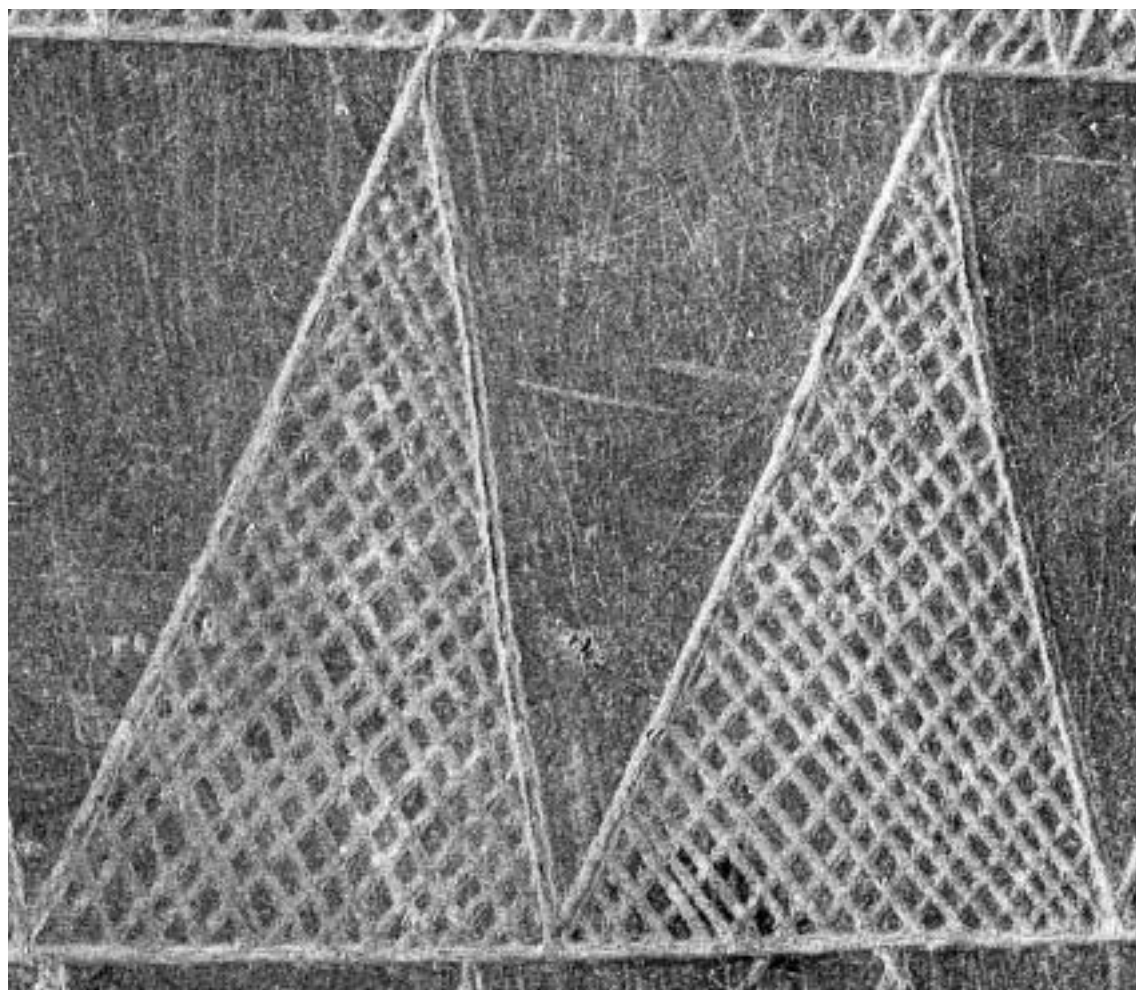
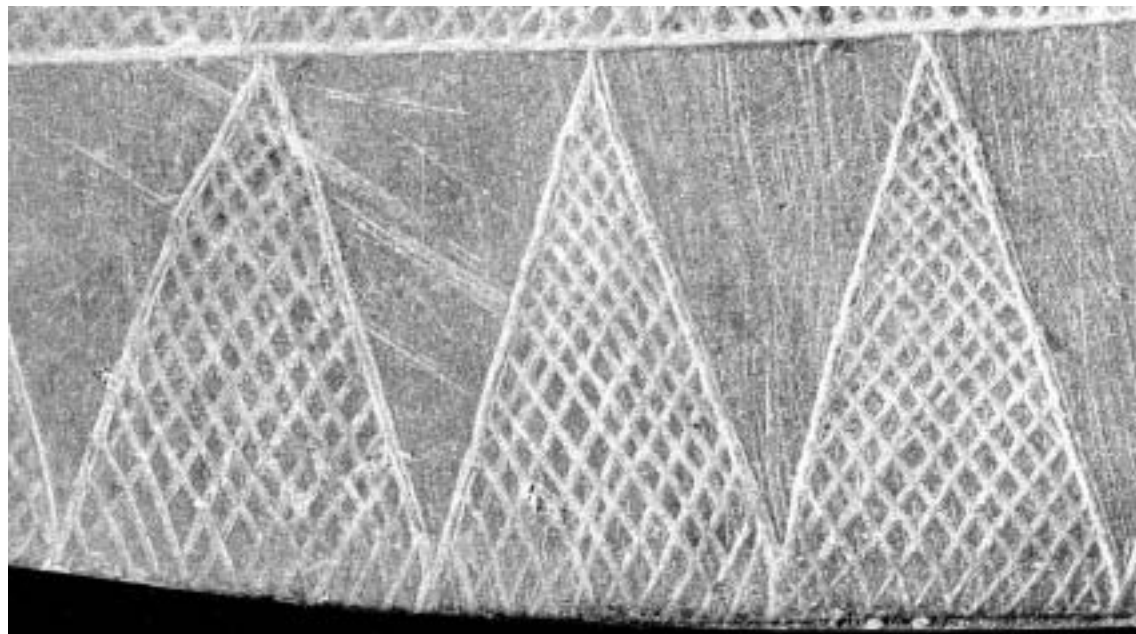


Fig. 20 Placa SP II-24, pormenor da Cabeça, sendo visível o rigoroso traçado do enquadramento do triângulo central, a «Cabeça dentro de Cabeça».



Figs. 21 e 22 Placa SP II-24, detalhes dos triângulos preenchidos com vértice para cima das bandas 4 e 3 do Corpo.